

Alfredo Lorenço de Souza
Laboratório de Souza Soares

PERDÃO, AMOR E CARIDADE

Orgão do Grupo Spirita ESPERANÇA E FÉ da Franca---E. de S. Paulo



Estudai, praticai e assim os reis habilitado para julgar do Espiritismo.

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PUBLICAÇÃO MENSAL

O Espiritismo é a fonte donde sai a agua pura, porque esta fonte é o Christo.

NUMERO 43

FRANCA, 1.º DE MARÇO DE 1900

ANNO IV

EXPEDIENTE

Não nos sendo possível dirigir o nosso jornal a todas as pessoas que se interessam em se elevar em seu progresso espirital, e não podendo nós fazer a distribuição com a sciencia precisa, pedimos aos que o receberem de nos avisarem se desejam continuar recebê-lo.

O mesmo pedido fazemos aos que não o leem, de nól-o devolver.

Nós, não desejamos que o nosso jornal seja considerado de pouca importancia e seja lançado no cesto dos embrulhos—desejamos com prazer dar os nossos esforços e mesmo sacrificios a quem os accete; e é a unica razão, que pedimos a todos que não lhe ligarem o interesse igual aos nossos esforços, o devolver e egual pedido fazemos ás pessoas que se interessam pelo seu adiantamento e o não receba, de se ligarem a redacção do jornal, Perdão, Amor e Caridade, que lhes será enviado e se lhe tomara o nome como assignante gratuito, devendo acompanhar o endereço da sua residência.

convencamos de que a evolução do progresso far-se á comnosco ou a pezar nosso: as leis divinas são fataes, e não ha agremiação, vultuosa que seja, capaz de as empecer.

Si nossa missão, porque todos têm a sua, é acelerar a movimentação em que se agita a humanidade para a conquista fatal de seus destinos, não esperdecemos auxiliares, denominem-se elles como se denominarem.

Sabe-se, com effeito, que individuos, corpos collectivos ou agremiações, cada qual na sua esphera, consciente ou inconscientemente, concorrem para o desenvolvimento das cousas e dos homens do planeta.

São, portanto, todos collaboradores nesta grande obra que devemos ter a habilidade de saber dirigir.

Para o mesmo fim trabalham tanto os que tem a penosa e má tarefa da derubada, como aquelles a que coube o delicado e difficil tarefa da construção; materialista, atheus, spiritualistas, religionarios de qualquer seitas collaboram, por egual, para facilitar a nossa missão.

Mas, por isso mesmo que cada qual delles snppõe-se com o privilegio exclusivo da verdade, degladiam-se, engalfinham-se, esphacelam-se, retardando a marcha geral da obra.

A nós compete arenar estas ondas enrugadas pelo fio sópro das rivalidades.

Respirar em todos os campos fazer a colheita aqui, alli e acolá, não compartilhar sobre tudo a responsabilidade do ataque e da destruição de nehum delles é obra de paz, é obra de harmonia, é obra de construção, é obra emfim de spirita.

Não basta que propaguemos a immortalidade da alma, suas revivescencias e comunicabilidade possível: cumpra collimarmos pontos de mira mais altos.

Para a erecção desta cúpula, que bem se poderá chamar o esoterismo da doutrina, é que mister se faz o hombro poderoso de todos os spiritas, o trabalho conjuncto dos operarios.

Unidos assim, é que poderemos construir o templo sumptuoso cujas cryptas se alastrem pela superficie da terra, mas cujo cimo se aprofunde pela immensidade dos ceus!

Para constituir as bases de uma tal união convem que se não amalgame o mesmo cimento de todas as sociedades humanas, qua trazem em si o germen da destruição.

Por isso é que, nos limites do possível, deve-se eliminar quantas causas possam provocar or-

gulho, ciume, todas as paixões emfim.

Occasião, é já de tratarmos desta união para o cultivo do esoteismo da doutrina. Innumerós são os grupos e associações que, derramando as verdades geraes, preparam as bases, e continuarão, para nossa tarefa de hoje.

Opportuna ella é portanto; não cessam, com effeito, os espiritos de nos repetirem em todos os bons os TEMPOS SÃO CHEGADOS.

Mas, como elles vão de corrida vertiginosa, cumpre que não deixemos escapar a occasião de cumprir o dever para não falharmos á nossa missão, porque, repetimol-o, se não formos nós os spiritas, serão outros que prepararão o advento do mundo regenerador.

Então, aii de nós; seremos os pisados, os esmagados pelos que atrás de nós vêm ás carreiras?

Despertamos do lethargo em que nos hemos mergulhado ran-

tos não lhe tinha apresentado a figura sob a qual ella sempre o vira até então,—e havia tomado para lhe fallar uma voz que lhe era desconhecida; depois, Jesus retomou a mesma voz que Maria muitas vezes ouvira, e que a despertou, e a fez voltar uma segunda vez; e d'esta vez Je-us lhe mostrou a figura do Mestre;—lhe prohibiu de o tocar, porque, sendo a apparencia impalpavel, ella só acharia o vacuo.

São phenomenos estes que se hão reproduzido em todos os tempos, segundo o curso das leis da natureza, e que não devem surprehender-nos. Aquelles que se acham iniciados na sciencia spirita sabem que os espiritos, mesmo inferiores, podem produzir taes phenomenos, tornando-se visiveis ás pessoas ou: tem as facultades de medianidades vidente e auditiva; e Maria Magdalena tinha, como já o dissemos, estas duas facultades.

A segunda appareção de Jesus ás mulheres, e assim á Maria Magdalena, foi visivel e tangivel com audição, tal como tinham conhecido,—no semblante, no porte e no vestuario.

Devemos notar as palavras do Mestre na primeira appareção a

tutivos sempre á se reunir pela sua vontade.

F' assim que o corpo de Jesus, —não de materia humana como o nosso, mas fluidico, de natureza perispiritica, —desappareceu do sepulcro, sem que ninguem o tivesse d'alli tirado.

Chegada porém que foi a tarde d'aquelle mesmo dia, que era o primeiro da semana, e estando fechadas as portas da casa, onde os discipulos se achavam juntos, por medo que tinham dos Judens: veio Jesus, e poz-se em pé no meio d'elles, e disse-lhes: Paz seja convosco.

E dito isto, mostrou-lhes as mãos, e o lado. Alegaram-se pois os discipulos do terem visto o Senhor.

E elle lhes disse segunda vez: Paz seja convosco. Assim como o Pai me enviou a mim, tambem eu vos envio a vós.

Tendo dito estas palavras, assoprou sobre elles: e disse-lhes: Recebei o Espirito Santo:

Aqui, como sempre em casos identicos, as narrações dos Evangelistas se explicam e se completam umas pelas outras.

S. Marcos limita-se a enunciar o facto da appareção de Jesus aos onze apostolos sem entrar no conto e no modo d'essas appareções successivas antes da epocha chamada Ascensão.

S. Lucas relata a appareção de Jesus aos apostolos reunidos

sem local no tempo da primeira appareção na ausencia de Thomé.

Mas porque assim narram estes dous Evangelistas, suas narrações em nada contradizem a do apostolo S. João, da qual nos occupamos.

Thomé, que fazia parte dos onze apostolos, viu a Jesus, como dizem os dous primeiros Evangelistas citados; mas elle não o viu senão oito dias depois que o Divino Mestre se apresentou aos seus discipulos, como affirma S. João, testemunha de visu.

As palavras de S. Marcos: — "e lançou-lhes em rosto a sua incredulidade e dureza de coração; pois não haviam dado credito aos que o viram resuscitado," se referem á fé, e de uma maneira geral aos onze apostolos, pela razão de sua incredulidade depois do conto de Maria Magdalena, das outras mulheres, e dos dous discipulos quando iam para a aldeia chamada Emmaús,—e de uma maneira especial á Thomé pela razão de sua incredulidade depois do conto dos outros apostolos.

Jesus se apresentou no meio dos discipulos no lugar onde elles estavam, e fechadas com as portas da casa, onde os Judens, havia se introduzido com seu corpo fluidico, assim como se viu nas appareções dos espiritos, e tinha instantaneamente, e no momento mesmo em que se tornou visivel para todos, dado a seu corpo apparente a tangibilidade.

Disse-lhes Jesus: — "A paz seja convosco: sou eu, não temais;" mas elles achando-se perturbados e espantados, cuidaram que viram algum espirito. E Jesus lhes disse: — "Porque estas perturbados, e que pensamentos são estes que vos sobem aos corações?"

Os discipulos, se ignoravam a tangibilidade, sua existencia e suas causas, tinham comtudo conhecimento das appareções dos espiritos

Accordemos, spiritas?

Reformador.

EVANGELHO DE JESUS

Segundo S. João

CAPITULO XX

EXPLICACÕES

por Bittencourt Sampaio

DIVINA EPOPEA

(Continuação)

Voto Maria Magdalena dar aos discipulos a nova: De que ella tinha visto o Senhor, e de que elle lhe havia dito estas cousas.

"E foi noticial-o aos que iam andado com elle, e que estavam afflictos e chorosos; mas elles, ouvindo dizer que Jesus estava vivo, e que fôra visto por ella, não o creram.

Tal é a narração completa, e circunstanciada do acto da "resurreição" ou reaparecimento de Jesus, coordenados os differentes factos, referidos isoladamente por cada um dos Evangelistas.

As appareções á Maria Magdalena e ás outras mulheres, depois de quebrados os sellos e removida a pedra, antes da entrada no sepulcro e quando ellas ahi entraram, e depois á Maria Magdalena só, foram appareções simplesmente visiveis, com audição. Com audição, quer dizer: que as mulheres fizeram o papel de mediuns videntes e auditivos, para recolher assim o que lhes foi communicado em cada uma d'essas appareções pelos Espiritos do Senhor.

A primeira appareção de Jesus á Maria Magdalena foi uma appareção simplesmente visivel, e não tangivel,—com audição.

Maria não o reconheceu logo, porque no primeiro momento Je-

Maria Magdalena, e na segunda a ella e ás outras mulheres: na primeira Jesus disse á Maria:

"Não me toques, porque á meu Pai eu não subi ainda; mas vai á meus irmãos, e diz-lhes, que eu vou primeiro que me veja o mundo, para meu Pai e vosso Pai celeste. Para meu Deus e vosso Deus."

Estas palavras querem dizer o seguinte: "Não procures saber pelos sentidos eu quem sou, por que ainda me estás vendo entre os homens resuscitado, vivo, porque não deixei a terra, não subi ao Pai, não entrei na esphera plena do espirito."

Jesus chama seus discipulos de irmãos, proclamando assim que elle não é o Creator increado, mas uma creatura, que tem o mesmo Pai, o mesmo Deus, que os discipulos e Maria Magdalena, e as outras mulheres, como todos os homens.

O Divino Mestre prepara seus discipulos para a epocha da ascensão, indo-lhes o lugar onde elle, que desceu do céu, deve se elevar para o C.

Jesus foi sempre entre os homens, desde o seu nascimento, uma appareção spirita; seu corpo estava,—nas condições fluidicas,—completamente fóra de nossa organisação,—em harmonia com a esphera que habitamos, affim de poder conservar-se aqui o tempo necessario para o cumprimento de sua missão terrestre.

A apparencia corporal humana de natureza perispiritica e em estado tangivel, que Jesus tinha deixado sobre a cruz, e que José de Arimathea depositara no sepulcro, ahi ficou até depois de sellada a pedra pelos principes dos Sacerdotes e Phariseus, em presença dos soldados romanos, que elles deixaram de guarda.

Depois de sellada a pedra, Jesus fazendo cessar a tangibilidade, chamou no espaço esse corpo apparente em estado fluidico, e conservou os principios consti-

No momento em que Jesus lhes appareceu *assim*, elles estavam sob a influencia do conto da *aparição de Pedro e aos deus discipulos que tinham ido á aldeia de Emmaús, — da aparição á Magdalena, depois ás mulheres e novamente á ella.*

Assim á vista de Jesus, se apresentou subitamente no meio d'elles, *com as portas fechadas*, os discipulos perturbados e espantados, perguntavam mentalmente se era mesmo Jesus, "*resuscitado*", ou pelo contrario, uma aparição do espirito exclusiva de *toda resurreição*; o pensamento de que era uma aparição do espirito dominava, em sua perturbação, todos os outros pensamentos.

Por estas palavras: — "*Como o Pai me enviou, assim a todos tambem eu vos envio.*" Jesus exprime o seguinte: "Deus encarregou-me de uma missão, eu a cumpro; eu vos dou uma outra, ide cumpril-a."

Tendo dito estas palavras, *asoprou sobre elles, dizendo: — "Recebei o Espirito-Santo."* Humanamente, Jesus lhes deu um signal visivel de sua influencia; communicou-lhes a inspiração dando-lhes a assistencia e o concurso invisiveis dos Espiritos superiores, que deviam assistil-os na missão que iam desempenhar; e é *assim*, que elles receberam o Espirito-Santo.

Foi depois de ter soprado os seus discipulos, e de lhes ter dito: "*Recebei o Espirito-Santo,*" que Jesus acrescentou: — "*E eu ven a mandar sobre vós o dom que vos está prometido por meu Pai; entretanto, ficai vós de assento na cidade, até que sejais revestidos da virtude do alto.*"

Por estas palavras veladas pela lettra, o Divino Mestre e os presen-tes que lhes ia enviar, sob fórma visivel, e como línguas de fogo, *de Eschirito-subterreos*, que

tado"; e seu pensamento refere-se á Deus, que só pôde ter operado este *milagre*.

Desde esta epocha germinou no peito de todos os discipulos, como de Thomé e dos outros apóstolos, o pensamento da divindade de Jesus. Não podendo explicar pelos meios conhecidos os factos extraordinarios, "*maravilhosos*" para elles, que se realisaram debaixo de seus olhos, os homens chegaram mais tarde á attribuir a Jesus um poder que elles não attribuíam senão á Deus, e por esta razão á lhe attribuir a divindade.

Eis as palavras de Jesus em resposta ao apóstolo que tinha duvidado da sua "*resurreição*":

Disse-lhe Jesus: Tu erosto, Thomé, porque me visto: bemaventurados os que não viram, e creram.

O pensamento do Divino Mestre applica-se aos homens da epocha, que sem terem tido as exigencias da incredulidade de Thomé e sem terem recebido, como os apóstolos, a aparição de Jesus, creram, em sua "*resurreição*", pelo facto só das palavras que o Divino Mestre havia pronunciado, pelos actos que elle havia realisado na terra, e pelo testemunho d'aquelles que o viram "*resuscitado*."

As palavras de Jesus tinham por fim fazer comprehender aos homens da epocha e ás gerações futuras a fé que devia ser dada ao testemunho dos apóstolos que affirmavam a "*resurreição*"; fé que devia ser *cega* até que os olhos fossem capazes de se abrir á luz que faria bri har a revelação nova.

São ainda suas palavras um ensinamento, sobretudo para a era nova que começa, e na qual a fé e a sciencia devem se apoiar uma sobre a outra, — a razão esclarecendo os caminhos.

A fé esclarecida, solida, forte,

to das leis phisicas e moraes do mundo e da creatura, de sua origem de suas phases, do fim que lhes é proposto, das obrigações que tem de cumprir; — ella se estende ao estudo e ao conhecimento da sciencia magnetica e da sciencia spirita, que tem de conduzir e fazer avançar os homens nas vias do progresso e da verdade, — esclarecidos como elles serão, segundo predisse e prometeu o Divino Mestre, nos tempos da era nova que começa, pela luz que lhes mostrará o espirito da Verdade, guiando-os, pelos mensageiros do Senhor encarnados em missão, para desenvolver as crenças, activar o progresso, ou trazer novas descobertas na ordem espirital, material e fluidica.

Terminando este canto, que foi por algum tempo o ultimo da sua Divina Epopeia, o Evangelista certifica que Jesus fizera muitos outros prodigios ainda na presença dos discipulos, e que elle deixou de relatar em sua narração evangelica, fazendo assim allusão ás tres outras narrações de S. Matheus, S. Marcos e S. Lucas.

E assim, o que escreveu João tem por fim firmar a fé dos homens na missão de Jesus, como Christo, o Filho de Deus, para que n'elle crende, tenhamos a vida em seu nome. isto é, chegemos ao estado de perfeição do espirito, progredindo no caminho da moral ensinada pelo Divino Mestre.

COMMUNICAÇÕES

Chamamos a attenção dos nossos leitores para as tres communicações, que abaixo publicamos, sob as PENAS ETERNAS, dadas pela Virgem Mãe Santissima, aos padres do grupo espirita do Lérica, e a mesma attenção pedimos, para o artigo O INFERNO NÃO É ETERNO. O

deviam assistil-os em sua missão: esse dom do Pai, essa força do alto elles receberiam na volta á cidade de Jerusalem, depois que Jesus tivesse definitivamente desaparecido aos olhos dos homens.

Quanto ás palavras:

Aos que vós perdoardes os peccados, ser-lhes-hão elles perdoados: e aos que vós os retiverdes, ser-lhes-hão elles retidos.

so dirigem *especialmente e textualmente* aos discipulos.

Estando os apóstolos animados de um zelo esclarecido, assistidos e inspirados pelos Espiritos do Senhor, tinham o poder de *ligar e desligar, de perdoar ou de reter* os peccados n'este sentido: que elles estavam no caso de julgar da pureza ou da culpabilidade d'aquelles que reclamavam suas advertencias; e por conseguinte o julgamento d'elles era justo; mas nunca nenhum dos apóstolos arrogara á si o direito de julgar sem appello, — de absorver ou de condemnar.

Porém Thomé um dos doze, que se chama Dydimio, não estava com elles, quando veio Jesus.

D'este verso em diante até o final do canto a narração do Evangelista dispensa explicações; contudo convém notar as palavras de Thomé, e a resposta de Jesus.

Thomé á vista do Divino Mestre que se apresentara no meio de seus discipulos, no lugar onde todos se achavam reunidos, fechadas as portas, convenceu-se da narração dos outros apóstolos, e ergo na "*resurreição*" de Jesus; e então exclamou: — "*Meu Senhor, e meu Deus!*"

N'estas palavras ha redundancia, ha pleonasmio: as duas expressões tem a mesma significação: ellas exprimem o respeito, a admiração, sentidas por Thomé, á vista do Mestre "*resuscit-*

duravel, se obtem não somente pelo que podem perceber materialmente os olhos do corpo, mas pelo que percebem os olhos do espirito com o auxilio do estudo, do exame, aprofundados e sufficientes, no duplo ponto de vista theorico e experimental do spiritismo, que é quanto a sua existencia, e como uma das leis da natureza, a communicação do mundo espirital com o mundo corporal; — estudo e exame feitos com respeito e amor pelo Creador, sem prevenção, sem idéas preconcebidas, mas com humildade, desinteresse, moralidade e experiencia que o homem deve adquirir, como em tudo e sempre, e sem outro nóvel que o amor da humanidade, o desejo ardente do progresso pessoal e colectivo pela luz, pela sciencia, pela verdade.

Digamos ainda: a fé e a sciencia devem se apoiar uma sobre a outra.

A sciencia, inseparavel da fé, não é limitada aos nossos conhecimentos humanos relativamente á materia e aos fluidos no ponto de vista do progresso *material*, — ella se estende á indagação da verdade na ordem phisica, moral e intellectual, no ponto de vista do progresso espirital, — e assim: á intelligencia, *em espirito e em verdade*, das palavras; dos actos do Divino Mestre e de suas promessas na revelação mesianica que os apóstolos e os Evangelistas tiveram a missão de espalhar, e a transmittiram aos homens; porque ali se acha a fonte de toda depuração, de todo progresso para a humanidade, pela pratica da moral que elle pregou; — ella se estende ao estudo e ao conhecimento das leis da natureza que regem o mundo *visivel* e o mundo *invisivel* e suas relações á instrucção que os homens devem adquirir sobre seus destinos futuros, sobre o que podem e devem esperar; — ella se estende ao estudo e conhecimen-

to das Sagradas Escripturas, que tudo extrahimos do preciosissimo livro — *Roma e o Evangelho*.

«Um erro arrasta, em geral uma serie de erros; pois, só por este modo se pode sustentar e perpetuar o primeiro.

O dogma erroneo do diabo suscitou o dogma, não menos erroneo, do inferno — a falsa doutrina da redempção da humanidade em Jesus Christo — um dogma absurdo sobre o perdão dos peccados — e d'estes derivaram outros erros, não menos transcendentes.

O dogma do inferno — de uma mansão horrivel de dores, sem esperanza, sem termo, synthese de todas as dores, de todas as angustias, de todos os desesperos, em stiuma, de todos os supplicios que possam conceber o coração mais deshumano, a mais requintada crueldade, é, como o dogma do diabo, uma grande blasphemia e a negação de Deus em sua bondade, em sua misericordia, em sua justiça, em sua sabedoria, e, pôde-se acrescentar, em sua immensidade, pois que não se concebe a presença da divina substancia na tenebrosa região do crime eterno e do desespero sem fim. Ligue, se vos é possível, os que ameaçam com eternas torturas aos que esperam o justissimo e supremo bem — ligae, repito, esse dogma com as prescrições da moral evangelica que tambem invocaes.

Não comprehendéis, não vedes, com toda a clareza, um contrasenso, uma flagrante contradicção, um absurdo, em um Deus que prescreve, por seu Enviado, a caridade sem limites e o perdão das offensas, e, ao mesmo tempo, dá o exemplo de um odio eternamente vivo e de uma caridade mesquinha? Digo mesquinha, porque, com as difficuldades e tropeços que no caminho da salvação amontoou a igreja romana, seria mesquinho, para

não dizer completamente nullo, o numero dos eleitos do Senhor. Jesus-Christo que nunca abriu os labios para pronunciar uma palavra inutil, porque era a incarnação da divina palavra e em tudo falou por superior delegação, nos ultimos instantes da sua vida, e mesmo para resumir a moral dos seus ensinos, disse aos homens: *amae-vos*; e, elevando os seus sentimentos ao Pai, disse: *perdoae-lhes* porque não sabem o que fazem.

Não vos bastam, homens, essas palavras de amor e de esperanza, para vos persuadirdes de que a caridade é universal e de que o perdão a ninguém foi negado, antes foram nelle incluídos os proprios que quizeram matar a doutrina de amor na pessoa de Jesus — os proprios que levantaram mão parricida contra Deus, na pessoa de seu Enviado?

Jesus Christo, morto, baixou em Espirito aos infernos (Christo, em Espirito, depois de morto, foi pregar aos Espiritos que estavam no carcere. Ep. 1ª de S. Pedro, III, 19.), isto é: ao mundo dos Espiritos, em suas diversas regiões de luz e de trevas, para dizer a uns: *vós, os que merecestes a paz da justiça, os que por vossas obras merecestes a ansão a linha que separa a expiação e a reparação, da provação, mas que vos sentis sedentos de maior purificação; ide, descei á terra, e apoderaí vos do meu testamento — sede os continuadores da minha obra e os mestres da doutrina redemptora* — e aos outros, aos que haviam morrido no remorso, a si enfermos, aos leprosos da alma, aos condemnados por suas proprias obras: *ide, subi a terra, e encontrareis nella, se procurardes, o rocio de vossas esp. anças murchas, a piscina de vossa salvação, a inesgotavel fonte de vossa redempção e*

o *orgão progressivo*, e *o* *Adão* *Caim* volveriam á vida da carne. (Abrahão é figura dos Espiritos bons — Caim é figura dos rebeldes).

Se o dogma da eternidade de soffrimento se firmasse no sentido de uma eternidade relativa, que é o sentido em que Jesus o entendeu, a justiça de Deus teria nelle resplandecido — e nelle a igreja tel-o-já glorificado. A acção da justiça divina não pôde ser concebida senão exercitando-se e applicando-se dentro de uma proporção e correspondencia absolutas, entre o castigo e a malicia da falta, e, como nenhuma das faltas humanas procede de malicia por sua natureza e origem infinita, nem suas consequências são eternamente permanentes, tão pouco pôde, por isso, em recta justiça, continuar eternamente o castigo. Continuará, sim, emquanto persistir a malicia e o Espirito se obstinar no mal, em termos taes que, se a obstinação fosse eterna, eterna seria irrevogavelmente a expiação.

Esta é a eternidade relativa de que eu vos falava, assim a entendia Jesus».

II

«Resolvido pela morte o problema do destino das almas, de uma maneira definitiva, sem esperanças, necessario fazia-se, ja que ficava para sempre cerrada aos Espiritos a porta do arrependimento e da reparação, levar um consolo aos homens, que, d'outro modo, teriam fatalmente cahido no desespero; e este consolo foi-se buscar na falsa explicação da redempção por Jesus Christo, falsa, como falso era o motivo que a fizera necessaria, impossibilitando o homem de purificar-se e reabilitar-se aos olhos de Deus, por meio da reparação das faltas e males committidos e ocasionados na vida. Não tendo, tão pouco, meritos

proprios, que viessem de certo modo servir de fogo purificador, de baptismo das almas, ficava, entre elle e Deus, um vácuo desconsolador, o abysmo da condemnación, impossivel de transpor, e scetterrou-se aquelle vácuo, e supprimiu-se aquelle abysmo, substituindo a reparação pelo arrependimento — e a purificação e os meritos proprios, pelo sublime sacrificio e meritos pessoas de Jesus.

Dentro d'este ensino, dentro d'esta redempção, cabe a idéa absurda de que pôde um homem ser causa occasinal da condemnación de milhares, e que, reparando tão graves e incalculaveis males, pode apresentar-se justificado á suprema justiça.

Nem isto é bom e justo, nem a redempção, tal como Roma a explica, é concebivel.

Adão não é uma personalidade; é o typo de uma raça humana que, havendo alcançado, pelos sempre sabios designios da Providencia, habitar mundos superiores ao vosso, peccou por orgulho e por egoismo, abusando, em proveito proprio, da natural benevolencia dos que a haviam recebido como raça irman.

Chamado a juizo, foi condemnado á expiação e á reparação; justissima setença, que veiu a cumprir-se, na terra, alguns mil annos antes da epocha fixada no primeiro livro de Moysés.

Adão, no paraizo, symbolisa aquella raça habitando espheras superiores — e symbolisa-a em sua expiação na terra, depois do peccado original.

Necessario era, para entrar de novo no paraizo, de que havia sido expulso, na terra de Caim, donde seus peccados a tinham obrigado a sahir, passar primeiro pelo deserto da expiação, que purifica, e da reparação, que justifica.

porque meros navios de expiar e reparar seus peccados e os males causados? Trabalhando e regando a terra com o suor de seu rosto, isto é: lapidando sua intelligencia, com as grosserias de uma materia, de uma carne mais impuras — e levando aos homens, que antes d'ella habitavam o planeta, luzes de aperfeiçoamento, até então ignoradas.

Que não vos suscitem duvidas estas revelações, pois, se vos são dadas é porque são necessarias, em razão de se aproximarem os tempos em que vai surgir a nova geração.

Apezar da raça symbolisada em Adão ter soffrido, em sua imigração á terra, uma grande perturbação moral que occasionou o esquecimento de seu passado, não foi ella tão absoluta, que não deixasse nas almas alguns vestigios da perda felicidade e certa esperanza, á maneira de presentimento, de que seriam remidas e novamente elevadas, presentimento este concebido nas claridades do mundo espirital.

Com os condemnados da raça adamica, vieram tambem Espiritos de missão, com o divino encargo de arraigar e fortalecer aquella esperanza, e, assim, apoderando-se d'ella a humanidade, considerou-a como uma promessa de origem celestial, que passou e robusteceu-se através dos seculos e das gerações.

E na realidade existia a promessa da redempção, pois promessas divinas são as esperanças e os desejos innatos da felicidade espirital. Como esta felicidade é inacessivel ás almas impuras, por sua impureza condemnadas, tinha de brotar, e brotou, no coração do homem, a esperanza da sua redempção, principio mais ou menos remoto da sua felicidade vindoura.

Porém, a redempção prometida á humanidade extraviada, não é a redempção explicada

LEIS DIVINAS

pelos sacerdotes e doutores do christianismo romano, conforme acima foi indicado, porque esta não cabe na justiça de Deus.

Jesus Christo não podia, nem quiz assumir, nem assumiu todas as responsabilidades individuais, contrahidas e por contrahir, emanadas dos peccados dos homens—e muito menos podia, pelo sacrificio da sua vida, remir a humanidade da pena do desterro a que fora condemnada.

O principio da redempção perde-se no mysterioso principio das humanidades; pois que a redempção começa com o desejo de ser remido—e houve esse desejo, desde que houve Espiritos que soffriam e aspiravam chegar ao trino de seus soffrimentos. Começa com o desejo de ser remido, porque esse desejo conduz primeiro ao arrependimento e, em seguida, ao amor e á pratica do bem, que são o principio e o termo da verdadeira redempção.

A redempção da humanidade não é firma, pois, nos meritos e sacrificios de Jesus, e sim nas boas obras dos homens.

O que Jesus Christo fez, enviado pela misericordia do Pae, foi apressar a redempção do genero humano, derramando sobre o mundo e sobre seus erros, a luz da doutrina unica redemptora.

III

«Isto assentado, é facil e logico deluzir: que nem Roma nem ninguem possui o divino privilegio de perdoar os peccados—e que este perdão é o effeito natural da redempção.

A chave do paraizo, o Supremo Jardineiro nem mesmo a confiou a s Espiritos mais chegados a Ele e por sua pureza—quanto mais aos homens ou ás instituições humanas, tão peccadoras e falliveis. (Porque Deus é veraz e justo homem fallaz. S. Paulo, Romanos, II, 1).

Os Espiritos puros e os homens de missão têm seu cargo guiar a humanidade para o caminho que conduz ás divinas moradas, quando d'elle se perdem; mas suas portas só o Omnipotente póde abrial as. Ao que por suas obras fica remido, Deus perdoa, porque Elle é o centro de todas as harmonias.

Não o explica assim Roma, nem era possível que assim o explicasse, desde que admite a existencia do diabo e de uma mansão de eternos soffrimentos, como sorte fatalmente definitiva das almas condemnadas.

Não podia arrancar aos homens, mesmo os mais peccadores, a suprema esperanza de rehabilitarem-se aos divinos olhos; em primeiro lugar, porque seria contradizer claramente o Evangelho—e tambem porque nenhuma sociedade aceitará uma religião que, como o Saturno dos pagãos, devorasse seus proprios filhos. E, como aquella esperanza se desvanecia para o peccador destino definitivo de sua alma, hou e necessidade de fazelo e comprehender que ali, aonde não podesse chegar sua expiação e os seus meritos pessoases, chegariam por obra do arrependimento e a expiação e os meritos de Jesus. Que cegueira! Quanta aberração! Suppor e afirmar que os soffrimentos e a morte do Justo foram ordenados do Alto, em expiação dos peccados de todos, é a mais orgulhosa das blasphemias contra a justiça do Eterno.

Deus não só fez tudo bem, como fez tudo o melhor—e é uma verdade evidente que, fazer recahir, sobre quem não delinquiou, a expiação de faltas por outros commettidas, assim como levar em conta os meritos espirituales de um para a salvação de outro, não é o melhor, nem mesmo o bom, tanto na divina como na humana justiça. Esta exige,

quanto for possível, a reparação do malfeito e a consequente expiação—e é a melhor que tem a justiça dos homens.

E havia ella de faltar, de uma maneira completa e absoluta, na justiça de Deus, ordenada por uma intelligencia e sabedoria infinitas e por um poder illimitado?

Jesus-Christo transmittiu aos seus Apostolos e discipulos e, com estes, a quantos accudissem a sustentar e propagar o Evangelho, a facultade de perdoar os peccados; esta facultade, porém, vinculou-a aos continuadores de sua santissima missão, nos mesmos termos com que a tinha recebido do Pae. (Como o Pae me enviou, assim vos envio eu tambem. S. João, XXI, 21)

O orgulho e a ignorancia desnaturaram, entretanto, o legado transmittido por Jesus—e os homens attribuiram a si proprios uma virtude que continuava inalteravel no fundo da verdade evangelica.

O que desligares, não por tua virtude e poder, mas sim pelo poder e virtude da doutrina sobre a qual foi edificada minha igreja, que é a igreja de Deus—o que assim desligares e perdoares na terra, tambem nos ceos será desligado e perdoado.

Não equivale isto dizer: Em meu testamento, que vos lego, para que o fazeis cumprir, para que o expliqueis e torneis claro ao meu pobre povo, que é a humanidade inteira, sem excepção de um só homem—achareis o Jordão das almas—a fonte de sua redempção e do perdão dos seus peccados; todos os que attrahirdes para mim, que sou, em representação d'Aquelle que me enviou, o caminho,—a verdade—e a vida; todos os que attrahirdes, com vossos conselhos e prelicas á pratica sincera de minha doutrina, ficarão remidos e perdoados, sendo vós os instrumentos

Sim filhos, e irmãos meus; não sobre os homens e sobre as instituições humanas, porém sim sobre a divina palavra e a pratica da caridade, estabeleceu Jesus seu sacerdocio e suas promessas.

O INFERNO NÃO É ETERNO O diabo em pessoa não existe

Parece incrível que possa haver, no fim do seculo dezoove, quem sustente, em nome do Christianismo, a eternidade das penas do inferno e fale com seriedade da existencia em pessoa do diabo, que tanto prestigio alcançou na idade média, nos tempos do ferro das fogueiras, graças á ignorancia dos povos e á supremacia envolvente e aterradora da c'assa sacerdotal. Parece incrível que ainda despeçam sinistros fulgores os fórnos infernaes, alimentados por um dogma antichristão, e atheu, e que subsista o pleito de homenagem tributado ao aventureiro phantastico que, armal os de cornos e cordero de uma escama impenetravel, á guisa de infernal escudo, soube encadeiar e avassalar peio terror, durante tantos seculos, os povos que se haviam acolhido á sombra da bandeira evangelica.

Parece incrível, e contudo é verdade, que ainda existam homens que, em nome do Christo, amaldiçoem a outros homens; que ainda existam homens que, em nome do Christo, persigam com as suas maldições aos mortos e os condemnem a barbaros e eternos soffrimentos; que ainda existam homens que levem e tragam, em nome do Christo, legiões de demonios e que apresentem-nos em batalha, cobertos de armas, como debeis e inermes crianças; que, finalmente, ainda existam homens que, em nome do Christo, apregoem

o poder de Satanaz, arrebatando as ovelhas das mãos do Pastor, para conduzil-as ao despenhadeiro do inferno. E esses homens falam em publico, perante numerosos auditorios, e ninguem se atreve a dizer-lhes: Irmãos, ou não acreditaes no que pregaes, ou viveis no maior dos erros religiosos. Deixai o enxofre, o alcatrão, as tenazes, as caldeiras de chumbo derretido os cornos e as caudas, porque blasphemaeis de Deus e profanaes a doutrina de Jesus. O Evangelho é o amor, e vós só falais a linguagem da vingança. Estabeleceis odiosas divisões na terra e nos ceos, quando o Evangelho faz todos os homens irmãos e iguaes no amor de Deus. Oh! pregai a paz e a caridade, como o Christo vos ensinou; praticai o amor, como o Christo o praticou, ou declarai que não sois sacerdotes da religião christi.

Não queremos, nem podemos estender-nos aqui em mais considerações sobre os dogmas do inferno eterno e do diabo. Está transcripta na segunda parte d'este livro a importantissima communicação de Maria, marcada com o n.º 23, e nella encontrará o leitor o que pode desejar sobre o exame e o estudo critico d'esses dois dogmas. E, abrindo aqui de novo as Sagradas Escripturas, vejamos se ellas differem ou se guardam perfeita conformidade com a revelação de Maria e as suas affirmações, no que se refere ao dogma romano do inferno e da existencia do diabo.

Eis o que dizem o Antigo e o Novo testamento:

“O Senhor é o que tira e dá a vida; o que condus aos infernos e de lá tira. Livro dos Reis, II, 6.”

“E abrindo a sua bocca, Tobias, o anjo, louvou ao Senhor, e disse: Grande és, Senhor, para sempre, e o teu reino por todos os seculos.”

Porque feres e salvas; levás aos infernos e de lá tiras, e não ha quem escape á tua mão. Tobias, XIII, 2.”

As palavras de Tobias, assim como o versiculo transcripto do livro dos Reis, são a negação mais terminante da eternidade das penas do inferno. Quão differente dos nossos doutores de Roma, julgavam os antigos a misericordia de Deus! Mas era preciso salvar o dogma do naufragio, e, para isso, o padre Scio, torcendo o sentido claro dos textos e emendando a historia sagrada, nos explica que inferno não quer dizer inferno, mas sepulcro, e que tirar não quer dizer tirar, mas resuscitar. Por esta maneira: Levat os infernos e d'elles tirar, significa: Levat ao sepulcro e resuscitar.

Visto isto, não estranharemos: chegado ao dogma da infalibilidade; porque, d'esse modo, a palavra de Paulo aos Romanos: Deus é veraz e todo o homem fallivel, deixa de ser verdadeira, se não se fizer o acrescimo: a menos que não seja o Papa.

Assim é que, mudando e desnaturando os conceitos mais claros e precisos, adulterou-se completamente a essencia das Escripturas e o genio do Christianismo.

“Se as tuas mãos me fizeram e me formaram todo em rola, porque de repente me despenhas?”

Lembra-te, eu t'o feço, que com barro tu me formaste, e que me has de reduzir a pó.

Por ventura não me mungiste como o leite, e não me coahaste como o queijo?

Ainda que escordas essas coisas no teu coração, eu sei todavia que te lembas de tudo. Job, X, 8, 9, 10 e 13.”

As creaturas são obra do Creador e, portanto, a sua formação é em tudo conforme com a sua vontade. Job, no meio dos seus padecimentos, o recorda com um consolo, persuadido de que Deus,

em cujos olhos está tudo presente, não pode querer nem consentir a perda definitiva das obras da sua vontade omnipotente.

“Quem me dá a que me encobrisse no sepulcro e nelle me escondesses, até estar passado o teu furor, e que me assignalasses o tempo em que te lembres de mim! Job. XIV, 13.”

Aborrecido da vida, em consequencia da terrivel prova de miserias e soffrimentos corporaes e moraes de que é objecto, Job manifesta desejos de morrer e ficar esquecido nos infernos, até que passe o termo da prova; argumento irrecusavel de que elle não suspeitava que o inferno fosse uma mansão de tormentos eternos, como pretendem os caritativos doutores do christianismo romano.

“Portanto, alegrou se o meu coração e regosijou se a minha lingua, e, além disso, tambem a minha carne repousa á em esperanza.”

Porque não deixarás a minha alma no inferno, nem permitirás que o teu santo veja corrupção. Psalmos XV, 9 e 10.

“Senhor, tiraste a minha alma do inferno, me salvaste dos que descem ao lago.”

“Santos do Senhor, entoai psalmos e celebrai a memoria de Sua Santidade.”

Porquanto, a ira está na sua indignação, e a vida na sua vontade. De tarde haverá pranto, e de manhã alegria. Psalmos, XXIX, 4, 5, 6.”

Senhor, no ceo existe a tua misericordia e a tua verdade, até ás nuvens.

A tua justiça é como os montes; os teus juizos são um abysmo profundo. Aos homens e aos irracionais salvarás, Senhor. Psalmos XXXV, 6 e 7.”

Deus, tu nos desamporastes e nos destruístes; te aborreceste e tiveste misericordia de nós. Psalmos LIX, 3.”

Porventura, nos desamporará Deus para sempre, e não se mostrará ainda inclinado a aplacar-se?

On contará para sempre a sua misericordia, de geração em geração?

On se esquecerá Deus de usar de clemencia? ou demorará a sua misericordia? Psalmos, LXXVI, 8, 9 e 10.”

“E amaram a Deus com a sua bocca, e com a sua lingua the mentiram.”

“Mas o seu coração não era recto com elle, e n'elles se mantiveram leas na sua alliança.”

Porém elle é misericordioso e perdoará os seus peccados e não os destruirá. Psalmos, LXXVII, 36, 37, e 38.”

Todos os versiculos supracitados demonstram com toda a clareza, sem necessidade de commentarios, que a efficacia da redempção não abandona aos Espiritos que descem aos infernos, e que a misericordia de Deus se exerce sem limites sobre os vivos e sobre as almas dos mortos.

“Até quando, Senhor, te iraz sem aplacar-te? até quando se acenderá, como fogo, o teu zelo? Psalmos, LXXIII, 5.”

Como se desprende do texto, o tempo do soffrimento tem uma duração limitada.

Deve-se ter isso sempre presente, para a fiel comprehensão de outras passagens biblicas em que se usam as palavras eternamente, pelos seculos de seculos, etc. proprias da linguagem hyperbolica dos sagrados escriptores, e que não devem ser entendidas na sua rigorosa significação, mas como synonymas de por muito tempo, até passarem muitas gerações ou seculos, etc., etc.

“Porventura estarás sempre aborrecido connosco? ou estenderás a tua ira de geração em geração?”

A culpa requer a sua pena; e emquanto ella dura, desconhecendo o espirito a justiça divina, dura conjunctamente a pena ou castigo, sempre proporcional á malicia com que foi praticado o mal.

Desde, porém, que o espirito escravo do mal, reconhece o erro em que vive e a justiça com que é punido do mal que fez, e se arrepende e pede perdão a Deus, cessa o castigo; porque o castigo é filho do mal e mal não existe mais o espirito que se arrepende de tel-o praticado.

O espirito que pelo arrependimento alcança o perdão que põe termo ao castigo, livre da tunica que o queimava, pode ver claro a união indissolvel do amor com a justiça do Senhor e pede e ancia por que lhe sejam dados os meios de merecel-os.

E como esses meios são os soffrimentos, agua laustral que apaga as maculas deixadas pelo mal praticado, o espirito arrependido e perdoado e, pelo perdão, libertado do castigo, entra voluntariamente na segunda phase, isto é, na expiação ou soffrimentos por elle proprio pedidos para sua purificação.

Assim, pois, castigo só existe emquanto o espirito é revel á lei; expiação dá-se, quando elle se abriça com a lei.

Quer no castigo, quer na expiação, ha soffrimento; mas no primeiro caso o soffrimento é imposto e no segundo é voluntario ou pedido.

O castigo pode começar desde a terra; mas e no espaço que elle se effectua verdadeiramente.

A expiação pode começar no espaço, porque começa logo após o arrependimento, mas é na terra que ella verdadeiramente se effectua, porque é preciso que o espirito repare o mal feito, nas mesmas condições em que o fez.

A expiação pode implicar uma reparação, quando o espirito vem dar satisfação do mal que fez a outro e póde terminar por missão, pois que todo o que fez bem sua expiação está cumprindo a lei, e todo o que cumpre a lei está dando exemplos de salvação a seus irmãos, o que constitue uma missão.

E, pois, a vida reparadora, é sempre de provas, porque o espirito, por seu livre arbitrio, póde satisfazer ou não a missão que pediu e lhe foi concedida e póde satisfazer a em mais ou menos elevado grau.

Eis, pois, como se entende o que designamos por castigo, expiação, reparação e provação.

O NOSSO JORNAL

A falta de papel de impressão, nas praças de S. Paulo e Santos, donde nos formicamos, produziu o atrazo em que está o nosso jornal, tendo nós de o mandar vir do Rio, gastando longo tempo com a passagem nas estradas de ferro.

Não escassearem os esforços para que a nossa folha, brevemente chegue a ficar em di.

O seguinte numero que vai já entrar no prelo, sahira com data de 20 de Abril, onde serão publicadas duas importantissimas sessões do «Grupo Ismael», do Rio de Janeiro; a 1.ª de 5 de Abril, onde foi dada uma communicação cheia de luz pelo Anjo Ismael, dando a solução clara, explicita sobre um ponto difficil de interpretar, qual o do procedimento que deve ter quem soffra a infidelidade de sua mulher. A 2.ª sessão, foi a de quinta-feira santa, que foi toda occupada pelo espirito do nosso querido Dr. Bezerra de Menezes, que se communicou no dia seguinte á sua morte.

(Continúa.)

A ALMA

e suas manifestações através da Historia

POR

Eugene Bonnemère

11

CAPITULO VII

A GRECIA E A ITALIA

E' pois verdade, oh meu pae! que a alma, essa chamma tão pura, livre de sua prisão grosseira, busque, esquecida de suas longas dores, remergulhar-se em novos corpos?—Meu filho, torna o velho, visto desejar aprofundar esses grandes segredos do mundo; escuta-me. Como um rio eterno derramado por toda parte, no começo uma fonte de fogo, aquecendo a materia com sua chamma invisivel, derramava a vida pela natureza inteira; ella accendeu o sol e os diversos astros, descia aos seio das aguas e nadava nos ares. Cada um obteve uma faísca d'essa flamma, que é o espirito divino, a alma universal que, com seu sopro de vida animando os corpos todos, faz mover as molas d'este vasto universo; enche e nutre com sua chamma fecunda tudo o que vive no ar, nas ondas e na terra. Ao sahir de seu foco divino, e se raio precioso é puro como os céos; mas vindo habitar corpos perciveis, quando, occultando seus signaes distinctivos, a morada terrena conserva-o preso, o sepro envenenado das paixões corrumpo sua pura essencia, e a alma subjugada attesta seu exilio e desmente sua patria. Mesmo quando esse espirito, captivo degenerado, abandona sua prisão, um resto impuro de vicio inveterado o segue em sua nova morada, conservando nelle por muito tempo seu imperio pertinaz; de modo que, soffendo ainda o langor do corpo miseravel, elle custa a recuperar seu celeste vigor. Então começam as torturas d'essas almas: umas indo lavar nas aguas as neodas que as maculam, outras purificar-se nos brazeiros ardentes, e outras vagar nos ares a capricho dos ventos. Depois, todas ellas voltam, sem remorsos e sem vicios, a saborear as innocentes delicias d'estes bosques.

Mas a feliz morada tem poucos habitantes; pois para se ser admitto nos Campos Elyseos, é preciso que o sol, depois de fazer mil vezes o seu curso brilhante, abra emfim a seus olhos a barreira, e terminado seu gran-

os gregos tinham chegado a reduzir tudo a fórmias brilhantes que lhes encantavam os sentidos, mas não podiam satisfazer aos grandes pensadores das diversas escolas.

Os gaulezes reconheciam a importancia do homem para representar aquelle que o espirito humano nem pôde comprehender. Elles não admittiam que o Creador do immenso universo pudesse ser encerrado em templos; e era sómente sob a magestade pavorosa de suas immensas florestas que elles acreditavam dever adoral-o. Cumpre acre-centar que, nas épocas de barbaria, quando a philosophia não viéra ainda esclarecer as intelligencias, ensinando-lhes a moral que sustenta as almas, a religião era sobretudo considerada como um freio salutar, buscando antes inspirar o temor que o amor de Deus; ella é então o espantallo dos maus; e como todos então o são mais ou menos, sua imagem se mostra escondida sob mysterios impenetraveis, fim de terrorisar mais. Por isso, a todas as crenças do passado pode-se applicar os dois hemistichos tão energicos de Lucano, por elle dirigidos aos Druidas:

« Tantum terroribus addit,

Quos timeant, non nosce Deos!

« Tudo faz crescer o terror que lhes inspiram os Deuses que elles desconhecem! »

Uma classe intermediaria entre os druidas e os bardos, a dos Ovates, interpretes d'aquelles junto ao povo, era votada á celebração dos sacrificios e á pratica do culto externo.

Em seus *commentarios*, Cesar vestiu á romana os deuses dos druidas. Para elle, Hésus, o Deus superior de sua triada, era Jupiter; Bel-Héol Apollo, o Deus-Sol, e até no sombrio Teutatés elle procura reconhecer Plutão, o senhor dos infernos; esquecendo-se de haver elle proprio verificado, que os gaulezes não admittiam a morte nem o inferno. Lucano foi melhor inspirado e, em alguns versos, analysou as doutrinas capitais dos Druidas, quando disse no primeiro canto de sua *Pharsalia*:

« Para vós as sombras não se sepultam nos tenebrosos reinos do Erebo, mas a alma se ala para ir animar outros corpos em novos mundos. A morte não é mais que o meio de uma longa vida. Vivem felizes em seu erro aquelles que não conhecem os terrores da morte! D'ahi procede o seu heroismo nos sangrentos combates, como o seu desprezo pela morte. Para que poupar uma existencia, quando ella recomeará sempre! »

Hermés, em quem Cesar crê encontrar Mercurio, não é ali o conductor das almas para os infernos, para os estreitos conductos e os abysmos inferiores da terra; mas o mensageiro das viagens eternas, o guia dos Espiritos no seu illimitado imperio; e o homem ahi conquista afi-

para trabalhar pelo aperfeçoamento de uma humanidade atrozada, por seu exemplo ou por seus ensinios. Outros se manifestam aos homens falando-lhes pela voz dos bardos e dos videntes inspirados.

Os druidas uniam a auctoridade politica ao sacerdocio, e formavam a primeira classe da nação. Entre elles os bardos entretinham, por seus cantos, a tradicção dos feitos de sua vida dignos de memoria e exerciam a prophacia. Na Gallia, a mulher não era mais a creatura decahida, que as outras religiões expunham ao desprezo do sexo forte. Ella caminhava ao lado do homem, dispondo de si, offerecendo o copo nupcial áquelle que ella escolheu, e tornando-o livre o escolhido, caso a escolha tenha recahido sobre um individuo de classe inferior. Nella elles viam alguma coisa de divino. Ella tinha o seu lugar no conselho, no lar domestico e nas reuniões publicas; era consultada sobre a paz e sobre a guerra e partilhava com os druidas das funcções sacerdotaes, e, sendo naturalmente melhor predisposta, pelas infirmitades de seu sexo, aos phenomenos do somnambulismo e da segunda vista, ella era prophetisa e cercada de respeito pelos povos reconhecidos.

A regra observada pelas druidezas não era sempre a mesma. Aqui ellas se votavam a uma virgindade perpetua; alli casavam-se, mas viviam habitualmente longe dos seus maridos, aos quaes, vinham visitar em certas épocas determinadas, depois do occaso do sol e antes do romper da alva.

Sua influencia não desapareceu mesmo depois do triumpho do christianismo e, ainda sob os reis da segunda raça, os proprios Francos vencedores reconheciam o poder mysterioso dos *Fatae Gallice*, que se tornaram as *fadas* das legendas populares.

Os brahmanes tinham encerrado a India entre as muralhas intransponiveis das castas. Os druidas, ao contrario, se recrutavam entre os melhores e os mais dignos, e não se entrava nessa classe, condição invejada pelos filhos das primeiras familias, senão depois de longa e difficil iniciacão, que, ás vezes, não durava menos de vinte annos de provas rigorosas no fundo das florestas ou no seio das cavernas. Elles substituíam assim a hereditariedade, principio estreito e fatalista, pela eleição, principio lato e fecundo, porque procede da liberdade.

O homem era sua alma, e a preexistencia d'esta reconhecida predisponha a dar a precedencia á eleição sobre o acaso do nascimento. Era a aristocracia seria e legitima do merito substituída á aristocracia arbitraria. As castas são a immobilidade, a eleição é o progresso.

A lei de Mani apresentava a absorpção no seio de Brahma como a sorte a mais invejavel; o Druidismo conservava a alma a sua individualidade, isto é, a sua liberdade no futuro. A perfectibilidade era a lei regulari-

de...cuto, a prova essencial de todos os vícios do corpo e purificado as chammias do raio divino, um deus conduz-as todas ao Lethes para beberem de suas aguas, e, o esquecimento de seus males indol-as a reentrar em novas prisões.»

Quando esperavam reincarnar-se, não sendo ainda admitidas nas felicidades dos Campos Elyseos, as almas dos mortos não deixavam de se interessar pelos negocios do mundo que tinham deixado, pelas afeições que a morte bruscamente interrompera, manifestando ainda o caracter, as boas qualidades e os defeitos que tivera. Eram os chamados deuses familiares, os genios, os demônios os lares, os penates, as larvas, os manes, os lemures (1) cuja existencia transmudana Apuleu expiica assim no seu livro *O Dementio de Socrates*:

«A alma do homem, diz elle, despreendida dos laços do corpo e libertada de suas funcções, torna-se uma especie de *demonio* ou de *genio* que outrora chamavam *Lemures*. D'esses Lemures, os que protegem suas familias e velavam pela tranquillidade de suas antigas moradas, eram chamados *Lares familiares*, lares domesticos; mas, aquelles que pelos crimes commettidos durante a sua vida, eram condemnados a errar continuamente, sem encontrar repouso, espantando aos bons e fazendo mal aos maus, eram vulgarmente chamados *Larvas* (2).»

Haviam preces para afastal-os. *Manes exite paterni!* diz Ovidio; e ainda: *Tectis exeat umbra suis!*—Essas preces rhythradas se chamavam *carmina*, donde se deriva *carme*, a harmonia, a justa proporção. Esses espiritos familiares estavam por toda parte, intervinham em todos os actos da vida dos homens.

Quando Enéas sacrificava aos *manes* de seu pae; vendo approximar-se uma enorme serpente para devorar as offerendas do sacrificio, o piedoso heróe bradou: «Será o genio do logar ou o Espirito de meu pae (3)?»

CAPITULO VIII

A GALLIA—A ESCADINAVIA

O estudo da religião dos gaulezes nos apresenta incontestavelmente um interesse todo particular, por terem elles sido nossos ancestraes (o autor escreve para a França) e os filhos não devem falar senão com respeito das crenças de seus paes.

O que fez no passado a força e a grandeza do druidismo, da religião dos *homens do visgo e do carvalho*, foi o facto de, com o receio de ella descer das regiões celestes para se materializar em representações ou imagens grosseiras, os Druidas haverem proscripto não só as artes plasticas, mas ainda a escriptura, confiando á memoria dos bardos o segredo de sua fé, de suas sciencias de seus mysterios sagrados. Artistas antes de tudo,

nal a eternidade no infinito do tempo e do espaço.

Assim os indo europeus das Gallias, por uma lembrança dos ensinios tradicionaes dos Brahmines, foram mais longe e subiram mais alto que qualquer outro dos antigos povos da Europa, no conhecimento de Deus e do homem: foram elles que tiveram as idéas mais vastas e mais puras, as que satisfazem melhor a todas as aspirações do coração e da intelligencia.

Os druidas, com effeito, ensinavam a omnipotencia da divindade, a eternidade do universo, a metempsychose, a esperanza de viver em outros mundos, melhores ou piores que este, nos quaes a alma conservava sua identidade e suas paixões. Deus era a unidade na trindade; existia por si mesmo, eterno no passado e no futuro. Germen semeado por uma mão divina, o sêr, ao contrario, teve um começo, mas nunca terá fim; e hade transpor mil etapas diferentes, subindo, crescendo, se elevando sempre.

Elle foi materia, a principio inorganica e emfim organizada.

Depois luziu a intelligencia, o animal tornou-se homem, isto é, uma creatura livre e consciente, obedecendo á sua vontade, seja para o bem, seja para o mal. A liberdade venceu a fatalidade antiga. Elle teve por guia a sua consciencia, e comprehendeu que devia ser recompensado, quando fazia o bem, e castigado se praticava o mal. Para isso, não havia necessidade nem de Satanaz nem de infernos; Deus era a justiça e o homem juiz e algoz de si mesmo. Justo, elle sobe e eleva-se na hierarchia dos mundos que povoam a immensidade, approximando-se incessantemente do Eterno; culpado, elle desce a planetas ainda mais imperfeitos que o nosso, nos quaes, se suas faltas são assaz veniaes para que elle ahi encontre o seu purgatorio, renasce no corpo do pobre, do inferno, do proletario, do escravo e, mesmo, do animal, do mais infimo e peor dotado pela natureza. Alguns chegam mesmo a perder a existencia, se transformando em materia inerte. Ahi o limite era ultrapassado, e taes theorias se tornavam inuteis por excessivas. O homem collocava seu semelhante em condições inferiores ás do bruto, fazendo com que este, continuando a ser parte da humanidade, se torne mais infeliz que as pedras.

A Sabedoria das Nações o diz e os proverbios têm quasi sempre sua razão de ser.

Pelo bem, dissemos nós, o sêr sobe e se eleva para os mundos collocados mais alto na hierarchia das espheras celestes, destino supremo a que tudo e todos devem attingir. Toda a perfeição está em Deus, vem d'elle, d'elle se desprende incessantemente e para elle necessariamente volta. Tudo tem diante de si a eternidade para alcançar esse fim. Deus, não é o autor do mal e não se confunde com Satanaz; a creatura decahida conserva sempre a esperanza. O mal é uma producção nossa, e portanto nós podemos desfazel-o. Em todo caso, sendo nós livres, podemos sempre expiar o mal que fazemos.

Os Espiritos que se elevaram aos mundos superiores, podem descer como missionarios aos globos inferiores.

sadora da criação. O mal era transitorio, diminua e caminhava para o bem, no qual aos poucos se transformava, sómente o bem sendo inevitavel e eterno.

O dia primeiro de Novembro de cada anno era o da celebração da festa dos mortos, do renascimento do mundo e de todas as creaturas. Mas, não era nos cemiterios que a festa tinha lugar, porque não materialisavam nem localisavam a dor e, em sua veneração ardente pelos Espiritos dos defuntos que vinham manifestar-se a elles por intermedio das druidezas, dos bardos e dos exalicos, elles não ligavam importancia aos cadaveres, imagem horrenda da morte que desprezavam. Por isso seus inimigos com espanto viam-nos abandonar nos campos de batalha os corpos inanimados dos que ahi cahiam. Elles não tinham o culto das reliquias; vivendo em espirito, honravam aos Espiritos, sem se preoccuparem com a podridão por elles abandonada.

Uma ordem social eminentemente caridosa tinha sahido dessas crenças elevadas. Visto que todos deviam renascer, buscava-se minorar os amargores da miseria na terra a qual tinham de voltar ainda, de modo que todos pudessem viver fraternalmente. Fugindo pois do individualismo tão fortemente organizado pela lei romana e tão proprio para desenvolver o egoismo além de seus legitimos limites, elles haviam imaginado uma especie de communismo, que se elevava quasi a uma especie superior de associação. O territorio pertencia á tribu; o *Breno* ou chefe fazia d'elle uma justa partilha entre as familias, cujos paes distribuíam as parcelas aos diflentes membros; quando nascia um filho varão, o lote da familia era augmentado. Sómente, porém, a posse era assim dividida, ficando a propriedade indivisa nas mãos da familia. A tribu guardava para si, isto é, para todos, tudo o que crescia espontaneamente; a cultura pastoril, os prados, os pantanos, as florestas e as terras incultas.

Em summa, um Deus: Hesus, constituindo uma trindade com Bel-Heol e Teutatés, era a theogonia dos gaulezes. Espiritos innumeraveis, Fadas, Korrigantes, Pulpiquetes e outros que, na maioria, não eram mais que as almas desincarnadas esperando o renovamento de sua vida na terra ou em outro mundo melhor ou peor, enchiam o intervallo e eram os anneis da cadeia que prendia o homem á Divindade.

Cada sêr tinha de percorrer o circulo completo das transformações, desde o grau mais rudimentar até tornar-se homem. A alma então, eternamente viva e activa, cumpria o seu destino em uma serie ascendente ou descendente de existencias e que, segundo o bem ou o mau uso que fazia de seu livre arbitrio, ia ter, mais cedo ou mais tarde, a um estado de actividade feliz e luminosa, no qual, depois de haver passado por todas fórmias da vida para adquirir todos os conhecimentos e de haver cumprido todas as suas provas, ella não conhecia mais nem o peccado nem a dor.

(Continúa).

(1) Cicero: *de Univ.* 2 —Maury, 87.
(2) *Diec. de Trevoux*: V. Lemures.
(3) Virgílio: *Enéida* Liv. 5. v. 95.